

AFIADO

Contundência necessária

KIKO FERREIRA



Quem conheceu Makely em incursões poéticas, assembléias de músicos, performances e e-mails instigantes, sentiu falta, nos dois primeiros trabalhos, da virulência e da postura sempre afiada comum às suas comunicações e expressões públicas e privadas. O primeiro, o coletivo *A outra cidade*, era dividido com Pablo Lobato e Kristoff Silva e andava em paralelo com o fundamental projeto Reciclo geral, que revelou uma geração de artistas mineiros. Já *A Danaide* foi uma parceria com a cantora Maisa Moura e parecia um passeio pelo lado Dr. Jekyll do Mr. Hyde da música feita em Belo Horizonte.

Autófago, o disco, é Makely em seu território: poético, elétrico, desafiador e afinado com sua história de transgressões conseqüentes. Já na faixa que dá nome ao disco ele se posiciona: "Eu me alimento da carniça do meu pensamento/e me oriento por ecos e condicionamento/ meu amuleto são os ossos com que me sustento". Formado por leituras e audições várias, que incluem Leminski, Torquato Neto, Wally Salomão e Chacal, Makely declara em *Reator*, entre confissões de boemia e carne em flor: "Eu fiz da poesia minha ambrosia/ meu sustento, meu amor."

Produzido pelo domador de relâmpagos Renato Villaça, outro autor de méritos e movido a desafios, o disco foi gravado no Estúdio Engenho, pilotado por



HELENA LEÃO/DIVULGAÇÃO

Makely Ka transforma em música sua poesia elétrica e desafiadora

um experiente dinamizador de peso, André Cabelo. O trio Makely/Villaça/Cabelo extrai a estranheza necessária para que a poesia tenha a clareza desejável para ser compreendida, sem parecer didática ou recitativa.

"Destravem seu maxilares", ordena o poeta na faixa de abertura, "desliguem seus celulares", minutos antes de soar o sucessor de Arnaldo Antunes em *Eu não*, questionadora de identidades. Assumidamente perturbado pela cidade, ele abre *Cérebro na Cuba*, com célebre fala de Glauber Rocha, colocando a cara a tapa no programa *Abertura*, e confessa o estilo inquieto e briguento.

VITAMINADO De repente, no meio da fita, o vigor dá lugar à malícia crítica em *Punk de boutique*, sobre "um moleque de rebock, completamente lock de araque", seguida de um rock quase punk, sem ser de araque, *Não se meta*, com fala de Hugo Chávez na abertura e rima sexualmente explícita na conclusão. Meio mutante, com voz processada de Pa-

trícia Rocha e bateria de Antônio Loureiro conduzindo o ritmo, *Equinócio* cheira a ciência poética, enquanto *Endoscopia* retoma a questão da identidade pela via da pluralidade de sons, etnias e geografia interplanetária. Hit nos shows, o coco *Sorôco* inaugura a reta final com pegada nordestina. *Famigerado* apresenta a voz de Maisa Moura cobrindo a faixa de

delicadeza, antes que as guitarras assaltem a cena.

Mais discussão de liberdade, mais política. *A outra cidade* traz fala do subcomandante Marcos, gravada na cidade de Toluca, México, em 2001, abrindo caminho para o mais implacável retrato musical que BH já recebeu, com o refrão implacável: "E o Arrudas continua cinzento e cheirando mal". Mudando de ribeirão para planeta, *Plutão*, com suas cordas e canto arrastado, poderia estar no *Araçá azul* de Caetano ou no *Aprender a nadar* de Macalé. Para terminar, a faixa bônus *O meteoro* evoca o poeta russo Maiakovski, detonando pessoalmente a poesia depois de sintomáticos dois minutos de silêncio.

Autófago apresenta, além de qualquer consideração ou juízo de valor, conjunto consistente de idéias bem-alinhavadas. Característica rara num cenário repleto de melodias sem vitaminas, letras sem consistência e obras sem conceito. A Makely o que é de Makely. Com todos os louros e riscos.

